REFERÊNCIAS

BRASIL, **Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física**. 3. Ed. Brasília: A Secretaria, 1998.

CLAPARÈDE, Eduardo. **Psicologia da Criança e Pedagogia Experimental**. São Paulo: Editora do Brasil, 1956.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

KISHIMOTO, Tisuko Morchida. **O jogo e a Educação Infantil.** São Paulo: Pioneira, 2003.

MACHADO, Lourdes Marcellino et al (Orgs). **Pesquisa em Educação: passo a passo**. Marília – São Paulo. Editora: Edições M3T – Tecnologia e Educação. 2007, p. 12

PIAGET,Jean. **A Formação do Símbolo na Criança: imitação, jogo e sonho; imagem e representação**. Rio de Janeiro: LTC, 1990.

RAMOS, Rosemary Lacerda. **Formação de Educadores para uma Prática Educativa Lúdica: pode um peixe viver fora d'agua fria**. 2003. Tese (Doutorado em Educação)– Faculdade de Educação da Bahia, Universidade Federal da Bahia. Salvador. ROSA, Sany. Construtivos e Mudança. São Paulo: Cortez, 2002.

TANI, Go et al. **Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU, 1988.

VYGOSTSKY, Lev Semenovich. **A formação Social da Mente**. 6. ed. São Paulo:Martins Fontes, 1998.

O Profícuo do Teatro Animado em Sala de Aula – O Boneco no Meio Pedagógico

Claudeci Ferreira Campos

RESUMO

A presente pesquisa vem apresentar um diálogo existente entre as metodologias do aprendizado infantil com a prática do uso do Teatro de Bonecos. Em uma época onde a tecnologia ganha preferência como metodologia de ensino nas escolas, muitos professores se encontram despreparados para atuarem com esta ciência tecnológica que se altera a cada dia. Para muitos, suas novidades são difíceis de se acompanhar e os próprios professores em muitos casos, são subjugados por seus alunos no quesito prática e conhecimento tecnológico. Em vista disto, há uma retomada nas práticas antigas do Teatro de Bonecos, que sempre esteve presente nos conceitos didáticos e na literatura da disciplina de Artes nos currículos escolares. Mas quem disse que esta é uma ferramenta ultrapassada? Este artigo visa esclarecer, dialogar e apontar o uso do boneco como ferramenta imprescindível na prática pedagógica atual como sendo inovadora, informativa, mediadora, inclusiva, lúdica e instrutiva.

PALAVRAS-CHAVE: Teatro de boneco; contribuir; identidade.

ABSTRACT

This research presents an existing dialogue between child learning methodologies with the practice of using the Puppet Theater. In a time when technology gains preference as a teaching methodology in schools, many teachers are unprepared to work with this technological science that changes every day. For many, their news is difficult to follow and the teachers themselves are in many cases overwhelmed by their students in terms of practice and technological knowledge. In view of this, there is a resumption in the ancient practices of Theater Puppets, which has always been present in didactic concepts and in the literature of the discipline of Arts in school curricula. But who said that this is an outdated tool? This article aims to clarify, discuss and point out the use of the doll as an essential tool in current pedagogical practice as being innovative, informative, mediating, inclusive, playful and instructive.

KEYWORDS: Puppet theater; contribute; identity.

INTRODUÇÃO

Nos materiais didáticos que os professores de Arte-educação utilizam, sempre há a presença do "Teatro de Bonecos" ou a presença do boneco ali estabelecida. Para muitos profissionais da educação, pedagogos e simpatizantes, o uso do boneco é desprezado como elemento de forte ruptura na formação do aluno, pois é visto muitas vezes como algo ultrapassado da cultura brasileira, que está destinado aos museus e centros histórico ou como complemento da cultural. Este pensamento existe pela falta de preparo e aprofundamento dos professores/alunos nas universidades, que por sua vez, em poucos casos de exceções (salvo os cursos universitários de Artes Cênicas), dão pouca vazão a existência dos bonecos nos cursos de artes visuais e de pedagogia. O boneco é uma fonte rica e inesgotável de transição de conhecimento, como fonte mediadora e se torna um instrumento imprescindível nas interdisciplinaridades escolares, quando utilizado corretamente. O boneco aponta várias possibilidades nas séries iniciais como ferramenta educativa. Tragicamente, muitas vezes ligado historicamente como agente secundário na arte de "Contação de Histórias" ou

como mais um "coadjuvante" na sala de aula durante um teatro. Apesar de serem tão remotos como os atores ou o próprio teatro, junto a eles nos entretemos, instigamos, cantamos, educamos e deliberamos questionamentos em adultos e crianças de todas as classes, gênero e idades.

Em suma, "nos últimos anos, convencionou-se usar a palavra boneco como um termo genérico que abrange várias técnicas" (AMARAL, 1993, p.71).

BREVE RELATO DO SURGIMENTO DOS BONECOS

A história do surgimento dos bonecos ninguém sabe ao certo, há que diga por meio de pesquisas que a origem dos bonecos remonta ao antigo oriente, em países como a Índia, Java, a China e Indonésia entre outros, onde até hoje são comuns as tradições com os bonecos de forma milenares. De acordo com as autoras,

> O Teatro de Bonecos tem sua origem na mais remota antiguidade. Acredita-se que na pré-história os homens se encantavam com suas sombras movendo as nas paredes das cavernas. Nessa época, as mães teriam desenvolvido o teatro de dedos projetando, com as mãos, a sombras diversas nas paredes para distrair os filhos (LADEIRA & CALDAS,1993, p. 10).

A medida que o homem evoluiu, também suas criações de bonecos evoluíram, pois estes começaram a dar forma ao barro, porém sem movimento. Com o tempo articulações foram surgindo na cabeça e em partes do corpo como movimentos. Estes instrumentos (como até os dias de hoje ainda são) foram utilizados durante a Idade Média na Europa para alcançar e evangelizar outros povos. No Egito antigo, os bonecos eram utilizados em cerimônias sagradas, onde a divindades falavam e se articulavam por meio de representação de figuras tridimensionais.

Quando houve descobrimento do Brasil no Século XVI, também os colonizadores utilizavam em geral desta ferramenta influenciar os nativos, porém, estes mesmos nativos produziam seus próprios bonecos. Em nosso país, a região Nordeste foi a que teve maior intensidade de tradições e uso destes, através do Folclore, permanece ativo no estado de Pernambuco com os artesanais e mundialmente conhecidos, os "Bonecos Gigantes de Olinda".

Esta "evolução" dos bonecos pelo mundo, fez com que se expandisse por vários países diferentes técnicas, estilos e maneiras de se construir, manipular e interagir com os bonecos. Há uma incontável diversidade de uso e manipulação no território dos bonecos, no Brasil as mais conhecidas e utilizadas são:

- Fantoche ou Títere: Boneco que se veste na mão, de luva.
- Boneco de sombra: Figura articulada ou não, chapada, projetada através da luz.
- Boneco de vara: Movido por varetas.
- Marionete: Boneco movido à fios pelos dedos.
- Marotti: Mistura de Boneco de luva e de vara.
- Mamulengo: Os bonecos gigantes de Olinda.

Também são muitas as variações e técnicas dos bonecos pelo mundo a fora, isto porque os bonecos parecem ter vida própria, se reinventam; é logico, sempre com um bonequeiro ou manipulador como é comumente chamado. Essa transformação vem ocorrendo nos Teatros de Bonecos, onde novas nomenclaturas tem sido criada para especificar diferentes maneiras teatrais de apresentar o boneco como protagonista de espetáculos, onde o manipulador se torna a figura secundaria e muitas vezes nem existe, como é o caso da série americana criada na década de 60 e conhecida no Brasil como Vila Sésamo e Muppetshow.

Outra técnica de manipulação de Teatro de Boneco é a japonesa, agora muito difundida nos espetáculos pelo mundo, chamada "Bunraku". Onde a manipulação do boneco era tão incrivelmente perfeita, que o público pedia para que os manipuladores japoneses não se escondessem atrás de cortinas, antes mostrassem ao espectadores como faziam tais feitos, e atendendo os pedidos , as trupes teatrais japonesas quebraram o protocolo e passaram a se apresentar ao lado dos bonecos , apenas vestidos com uma roupa preta, as vezes para manipular apenas um boneco era preciso ter três manipuladores..

Muito tem se debatido no meio teatral dos bonecos, sobre o aparecimento ou não do manipulador, como aquele que interage ou apenas está ali. Durante muito tempo a animação do boneco era um mistério trancado a sete chaves, que se passava apenas de pai para filho em algumas culturas. Hoje, as universidades teatrais debatem sobre a questão de o boneco ser um protagonista, sem, no entanto, criar um suspense do "como é feito isso? ".

Este recebe o nome de "Teatro de Animação", "Teatro de Objetos" ou "Teatro de Formas Animadas". Nasceu na França, em 1980, com um grupo de artista que se dedicavam a criar micro dramaturgias pessoais e intimistas, majoritariamente voltado para o público adulto, com objetos arrancados do real e não mariotizados, explorando as suas características plásticas, funcionais, simbólicas e culturais. Consiste na apresentação de bonecos, seja em forma humana, animal ou mesmo a do objeto propriamente dito, como ele é. Todavia, seu manipulador está ali visível diante do público, podendo ou não interagir com ele. Ao tomar esta postura, o animador pode- se encontrar em cinco principais situações: como um segundo boneco que anima, como parte da cenografia, como um outro personagem fictício além do seu boneco, como um animador alheio aos acontecimentos da

cena ou como uma parcela de realidade, sendo ele mesmo um bonequeiro com seu boneco. Por que o que encanta o público não é mais a vida sublimada através do corpo vivo, mas sim a imitação e o surgimento de uma outra realidade de vida. O boneco de animação não é um falso semblante do homem, mas uma alegoria, uma metáfora da humanidade. Enquanto o boneco está sendo manipulado, carregado pelo seu ator bonequeiro, este desaparece aos olhos de seus observadores, como que engolido por uma presença que assume o lugar central, um boneco protagonista na cena.

Philippe Genty é um incrível visionário dramaturgo francês que cria suas apresentações teatrais com bonecos criado pela sua trupe e traz ao palco uma interação complexa, de bonecos e atores, onde a maravilha da imaginação e fantasia ocorre diante de seus olhos, sem se importar com quem é o protagonista da cena – o inanimado ou o humano. Em sua peça "Désirs Parede", de 1995 (pode ser encontrada partes dela no youtube), ele consegue transformar coisas inanimadas como papel Kraft em personagens.

> [...] tecidos extensíveis, filmes de plástico transparente, Kraft etc., adquirem um lugar preponderante, sempre deixando um espaço para a marionete. O inanimado e o ator se colocam em valor mutuamente, como se o inerte dessa mais vida ao vivente, e vice-versa (GENTY, 2009, p.65).

A ideia-chave neste tipo de trabalho é a pesquisa individual, o qual é o próprio artista que exerce e por meio desta pesquisa descobre novas maneiras de exibir sua arte. Esta forma de trabalho não é nova, o que é novo é a aceitação desta proposta como nova metodologia. Esta Arte teatral de "animar o inanimado" (objetos/bonecos), tem uma capacidade única de trabalhar através de fronteiras; de conectar o incomum, o inusitado, o peculiar e o popular, de tornar disponível discussões sobre metafísica, neurociências, emoções, anatomia e mecânica; tradição, patrimônio cultural, política, narrativa, educação, infância e alfabetização; música, religião; e praticamente qualquer campo que nós podemos imaginar.

Devido a esse aspecto é que trazer o uso dos bonecos para dentro da sala de aula se torna tão grande, não só pela ligação lúdica que um boneco tem com a criança, mas também porque o uso deste tipo de arte desenvolve novas linguagens dentro do campo da educação infantil em Arte, das Humanidades e das Ciências Sociais; pode levar a novos entendimentos significativos. Tem-se ficado evidente pelo mundo da arte, no âmbito dos projetos práticos, que a forma animada tem a capacidade de fazer que as crianças falem de áreas antes proibidas a elas, tabus ou de difícil abordagem; há um potencial que elas possam falar coletivamente, que mostram aspectos mais duros ou ocultos das suas histórias pessoais e da cultura familiar.

METODOLOGIA: DA TEORIA À PRÁTICA ESCOLAR

Como professor da disciplina de Artes, trabalhando com alunos do Ensino Fundamental I e Ensino Infantil, resolvi trazer para a sala de aula essa ferramenta. Depois de muitas pesquisas em livros, revistas sobre o assunto, vídeos no youtube, filmes e alguns anos de prática como bonequeiro e Arte Educador, coloquei meu amigo e fantoche "Miguel" em cena na sala de aula para mediar com os docentes.

Miguel é um fantoche criança, que é curioso, imaginativo, teimoso, sonhador e meigo (acho que aqui descrevi 90% de meus alunos), cujos questionamentos e histórias trazem conhecimento, instigação, ludicidade e risadas aos alunos sempre que este vem à sala de aula. A ideia veio depois de assistir o musical "Avenue Q", da Brodway", que também já contou com sua versão brasileira e pode ser vista no youtube. Então pensei: - Porque não levar isso para a sala de aula?

> Quando falamos de múltiplas linguagens, queremos ainda enfatizar o cinema a televisão, os jornais as revistas, os livros do teatro, as histórias infantis, pois são linguagens que serve de apoio ao processo ensino-aprendizagem. Cabe o professor, preparar aulas que incluam esses recursos como auxiliar e significativos ao seu ofício. A informática é outro recurso que pode ser explorado nas instituições de ensino, contudo que a criatividade consiga desenvolver a brincadeira, a arte e a literatura, mediada pelo corpo que se move, que comunica o que não é dito com palavras. Também são linguagens diferenciadas que a criança usa para internalizar o mundo a quem ela pertence e exteriorizar a sua percepção da realidade, são formas muito singulares de experimentação, de vivências de sensações e de apropriação da Cultura que também permitem o contato com as emoções, estreitamento das relações sociais e das negociações e o partilhar da vida em grupo (PLETSCH,2005,p.3).

Desde 1997, quando os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) foram publicados para se realizar o fazer pedagógico é necessário a utilização de múltiplas e diversas linguagens, sejam elas de ordem pedagógicas ou linguísticas que demandam um vasto campo de pesquisa. Para se transcender a aula do giz e lousa e livros escolares, isto é, a aula tradicional, as modalidades escolares introduziram novos recursos didáticos e novas linguagens na Educação Fundamental, Infantil e Ensino Médio como: História em quadrinho, cinema, jogos, literatura de cordel, cartoons, blogs, charges, redes sociais, teatro, visita a museus, tirinhas, revistas etc.… entre elas surge superficialmente o uso de bonecos como forma teatral.

Essas múltiplas linguagens não estão aí presentes como mero recurso de entretenimento ou passatempo recreativo, mas sim porque elas influem na forma como a criança elabora significação e em consequência elabora sentido. Logo, ela interfere na construção do seu repertório pessoal de saberes e sobretudo, da sua constituição como ser histórico. Para refletirmos sobre estas potencialidades didáticas e pedagógicas dos bonecos a fim de contribuir na construção do repertório do conhecimento da criança e de sua identidade, partimos do ponto que essa "modalidade teatral" no processo do ensino aprendizagem contribui substancialmente com a forma que as crianças dão sentido as informações.

De acordo com Vargas e Busssolet (2013), na área pedagógica o lidar com o Teatro de Boneco como recurso didático ampliou-se consideravelmente nos últimos tempos, sendo que a finalidade desse uso é fazer uma abordagem de conteúdos curriculares a partir de uma perspectiva lúdica onde os conteúdos curriculares em vez de serem apresentados de forma tradicional, são abordados de forma inovadora e diferenciada, o que faz com que a exibição feita pelo ator com seu boneco traga consigo os aspectos necessários a ludicidade.

O trabalho pedagógico no contexto da educação infantil tem suas raízes conectadas com o lúdico, com o imaginário e em especial com os traços simbólicos e representacionais da criança. A aplicação do uso de teatro de boneco como ferramenta didática pedagógica contribui substancialmente para a internalização dos conhecimentos construídos pelo aluno, o que favorece a (re)construção da identidade da criança.

> [...] as crianças pequenas inicialmente brincam sozinhas com os bonecos. Depois juntam-se espontaneamente e cada uma fala para o seu fantoche. É um princípio de socialização; cada criança começa a perceber a necessidade de esperar: esperar a sua vez de falar, ouvir o que os outros falam, respeitar a opinião dos outros, exprime seu desacordo com argumentos convincentes. (LADERA & CALDAS, 1993, p.13).

A maleabilidade e a plasticidade entre a criança e o boneco se encontram na sua inventividade e no seu alto grau de imaginação. Ocorre quando a criança tem a capacidade e o talento de vivificar, dar movimento e voz aos objetos às quais manejam, fazendo relação com seu cotidiano e desta forma deixando o seu universo mais cheio de vida, de ludicidade e de conhecimento, movimentando a criação e a recreação neste tipo de associação. O boneco tem uma ligação direta com o pensamento animista dos discentes, fazendo com que eles consigam imaginar histórias e viver essas histórias como se fossem reais e com isso atender os anseios que transformam os seus sonhos de poder. Se bem utilizada pelo professor, esta ferramenta pode ser de grande auxilio em sua ação pedagógica, porque através dela é possível desenvolver aspectos educacionais, afetivos, culturais, comunicativos, emocionais com seus alunos.

> [...] o teatro, no ensino fundamental, proporciona experiências que contribuem para o crescimento integrado da criança e do adolescente sob vários aspectos. No plano individual, proporcionar o desenvolvimento de suas capacidades expressivas e artísticas. E no plano coletivo, por ser uma atividade grupal, oferece o exercício das relações de cooperação, diálogo, respeito mútuo, reflexão sobre como agir com os colegas, flexibilidade de aceitação das diferenças e aquisição de sua autonomia como resultado de poder agir e pensar com maior liberdade (CAMARGO, 2003, p.39).

O uso do boneco na escola, como proposta de arte-educação, na educação infantil amplia a possibilidade do cognitivo, pois une o ato criativo com o processo assimilativo dos conhecimentos, criando espaços para favorecer os conteúdos escolares e os diversos saberes vivenciados pela criança, encadeando uma relação afetiva na sala de aula entre o grupo, professor, aluno e boneco, sem negar as emoções, sentimentos e formas diferenciadas de expressão.

Os fantoches são uma ferramenta muito poderosa e um recurso versátil na sala de aula para os jovens aprendizes, eles ganham vida como membros reais do grupo, promovendo um ambiente favorável e amigável e aumentando o engajamento e a participação. Para algumas crianças, um fantoche é um ponto de virada nas atitudes em relação às aulas, pois se sentem mais feliz, mais seguro e confiante na presença de um fantoche e é como se o foco da atenção fosse desviado da criança, com todos os olhos postos no boneco. O boneco tem uma vantagem adicional nas metodologias, pois desempenha o papel de falante. Um ambiente rico na oratória é aprimorado pela aparência de um segundo mediador, com quem as crianças constroem um vínculo emocional.

Os fantoches permitem uma variedade de usos, com benefícios claros para o professor e os alunos na sala de aula. Eles podem ser usados para: captar a atenção dos alunos, fornece suporte visual para aprimorar o significado da disciplina, construir situações naturais para discutir e praticar a disciplina, encorajar trocas divertidas e interativas para estimular as interações e construir a confiança dos alunos aumentando a motivação, criar uma atmosfera agradável na sala de aula e reforçar as estratégias de gerenciamento de sala de aula.

Em minha experiência pessoal com a prática pedagógica e teatral de manipulação inanimada, alguns cuidados com o manejo e apresentação do boneco, como mediador em sala de aula devem ser tomadas:

• Manter o contato visual entre o boneco e as crianças, verificar se o boneco olha de um aluno para o outro no ambiente.

• Observar o boneco enquanto você o anima, a fim de concentrar a atenção dos alunos no boneco, os alunos vão olhar para onde você estiver olhando.

• Tenha uma casa na qual o boneco possa sair e se esconder novamente, uma bolsa, uma caixa, uma mala, uma lata especial.

• Sustente a ilusão do boneco real, não deixando seus alunos verem que ele não está funcionando; as crianças realmente acreditam em um boneco e se conectam emocionalmente com ele. A mágica desaparece se eles o verem sem vida.

• Altere o papel dos fantoches para se adequar atividade;

• Um fantoche como assistente de ensino (um fluente falador para aumentar o aprendizado).

• Um fantoche aprendiz (um aluno que tem muito aprender e que fica confuso, faz perguntas e precisa revisar as informações, oferecendo lacunas reais), no que diz respeito as crianças os bonecos honestamente não sabem as respostas.

Para criar uma conexão entre as crianças e o boneco, ele precisa ter uma identidade distinta, uma personalidade e uma história (detalhes que lhe darão vida). Conte as crianças sobre a família e os amigos do boneco. Fale sobre os gostos dele e as aversões e também o que ele faz no fim de semana.

> "no Teatro de bonecos popular o tema é o cotidiano do homem, suas lutas e seu meio social, suas ilusões e decepções pessoais. Mas, mesmo tratando do cotidiano, ele se coloca no real. Não pretende fazer a cópia da realidade" (AMARAL, 1993, p.165).

O fantoche que me refiro é o que chamamos de fantoche de mão com boca articulável, porém ainda que o boneco que se tenha disponível seja aquele cuja boca não se mexa, não tem problema de se utilizar este, pois isso não significa que o boneco não possa falar ou se comunicar e levantar a questão de como você gostaria que o boneco interagisse na sala de aula. O fantoche pode ser um boneco silencioso, que sussurra no ouvido do professor e o professor diz aos alunos o que o boneco sussurrou ou o fantoche pode ser um bom escritor e deixar anotações e bilhetes na sala de aula e até mesmo, ele pode escrever uma pergunta do que se está estudando na lousa.

Mesmo os fantoches que não tem boca em movimento, ainda se pode dar uma voz à ele, como se estivesse fingindo que um bicho de pelúcia está falando.

Bonecos também podem por exemplo rugir, com o professor sendo o único que entende a linguagem do boneco, ele pode dizer coisas através de um rugido para o professor traduzir, o que permite algumas trocas de humor, talvez ele ruja quando algo está errado, quando identifica um erro (deliberadamente) cometido pelo professor ou quando estão se comportando mal na sala de aula.

Mesmo que se decida que o boneco será um boneco silencioso, ele não é tão silencioso quanto possa parecer. Os fantoches também são muitos expressivos através de seus corpos. O boneco pode acenar com as mãos, apertar as mãos das crianças, dar beijos e abraços, acenar com a cabeça ou balançar a cabeça, olhar em volta, coçar os olhos, nariz ou bochecha com as patas.

Ele pode participar com os estudantes ou oferecer suporte visual adicional para conceitos pedagógicos, atuando, demonstrando, apontando, sequenciando ou apenas segurando objetos.

> [...] a arte não só é conhecimento por si só, mas também pode constitui-se num importante veículo para outros tipos de conhecimento humano, já que extraímos dela uma compreensão da experiência humana e dos sus valores (ZAMBONI, 1998, p.20).

CONCLUSÃO

O trabalho com bonecos na sala de aula como ferramenta pedagógica podem produzir ações maiores do que apenas entretenimento e diversão, pois estes além de estimular diversas habilidades motoras ele também educa, trabalha as habilidades linguísticas, intelectuais, rítmica, visual-motora, interpessoal, espacial, corporal e intrapessoal, sendo de extrema valia para aprendizagem da criança.

REFERÊNCIAS

PLETSCH,G.K. . **As múltiplas linguagens na educação infantil**. In: Anais do 16 Congresso de Leitura do Brasil -. COLE, Campinas, 2003.

CAMARGO, Maria Aparecida Santana. **Teatro na escola: a linguagem da inclusão**. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2003.

GENTY,PHILIPPE. **Carnet de fuite. In: Marionnettes: Carte blanch à... Charleville-Mézieres: Editeur St-Lambert et Mont de Jeux: Les amis de l'Ardenne**, nº 26, 2009.

VARGAS,V.S; BUSSOLETTI, D.M . **Teatro de Fantoches na educação infantil**. Blumenau- SC. Revista o Teatro Transcedente. nº1. p. 69-79, 2013.

CALDAS, SARAH; LADEIRA, IDALINA. **Fantoche & Cia**. São Paulo – SP; (Série Pensamento e Ação no Magistério), ed. Scipione,1993.